

# Nas toadas da vida: a trajetória de Pena Branca e Xavantinho

Profa. Dra. Maria Clara Tomaz Machado<sup>1</sup>  
Marcos Vinicius de Freitas Reis<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo discute a vida e obra da dupla caipira Pena Branca e Xavantinho dentro do processo de modernização do país. Tais artistas são oriundos da cidade de Uberlândia, na região do Triângulo Mineiro, Estado de Minas Gerais, e tornaram-se sucesso de público e considerados expoentes da música raíz. O trabalho contextualiza tais personagens no cenário local/nacional e suas inúmeras vinculações com a indústria cultural.

**Palavras-Chave:** Pena Branca e Xavantinho. Modernização. Uberlândia

**Abstract:** The present article discuss the life and work of the country pair Pena Branca e Xavantinho, inside the country modernization process. These artists are from the city of Uberlândia, in region of Triangle Miners, MG state and became a success, considered exponents of the “raíz” music style. The work history these characters in the local/national scene anda the innumerable entails with the culture.

**Keywords:** Pena Branca e Xavantinho. Modernization. Uberlândia

---

<sup>1</sup> Doutora em História Cultural pela USP; professora adjunta do INHIS/UFU; Coordenadora do Projeto de pesquisa intitulada As Toadas do Sertão: vida e obra da dupla caipira Pena Branca e Xavantinho. Aprovada pelo CNPq.

<sup>2</sup> Graduando em História – UFU, bolsista do Pibic/CNPq. Membro do Núcleo de Pesquisa em Cultura Popular Som e Imagem – Populis/UFU.

Este trabalho tem por objetivo compreender a intrincada rede de relações ocorridas entre compositores, músicos, intérpretes, da música caipira brasileira por meio da vida e obra da dupla Pena Branca e Xavantinho, fruto de um país que no século XX se desenvolve e, ao seu modo, conjuga, ao mesmo tempo, e não sem conflitos, modernização e tradição.

A dupla caipira Pena Branca (1939) e Xavantinho (1942-1999)<sup>3</sup>, de filhos do município de Uberlândia, da região de Martinésia<sup>4</sup>, passou boa parte da vida no bairro Patrimônio. Desde criança apresentavam-se juntamente com as Folias de Reis em programas de rádio e espaços públicos regionais. Em 1968 migraram para a cidade de São Paulo em busca de oportunidades na carreira musical. Com a ajuda de artistas como Rolando Boldrin, Milton Nascimento, Renato Teixeira dentre outros, bem como órgãos de comunicação, tornaram-se exímios cantores e compositores da música sertaneja raí<sup>5</sup>, e empreenderam uma carreira de sucesso nas décadas de 1980 e 1990.

Tal dupla gravou vários discos, e passou pelas maiores gravadoras do país à época, a exemplo da Velas, Continental, Kuarup, Paradoxx entre outras. Ganhou diversos Prêmios Sharp, dentre eles o de 1990 com o álbum *Cantadô de mundo afora*, e 2001 o Grammy com o CD *Semente Caipira*, na categoria de melhor Álbum de música regional.

Viveram suas infâncias em um tempo em que o país modernizava. Nesta época a política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, colocada em prática na segunda metade de 1950 por meio do Plano de Metas<sup>6</sup>, priorizou a construção de Brasília, os

---

<sup>3</sup> Ver sobre biografia da dupla: NEPOMUCENO, Rosa. *Música Caipira*. São Paulo: Editora 34, 1999; [www.jangada.com.br](http://www.jangada.com.br); [www.boamusicaricardinho.com.br](http://www.boamusicaricardinho.com.br); [www.kuarup.com.br](http://www.kuarup.com.br)

<sup>4</sup> Em 1926, é criado o Distrito em Uberlândia, cujo nome é Martinópolis. Em 1943 foi mudado para o nome de Distrito de Martinésia. Principal atividade econômica é a agricultura. Martinésia é um dos quatro distritos que compõem o município. São também distritos: Cruzeiro dos Peixotos, Miraporanga e Tapuirama.

<sup>5</sup> CALDAS, Waldenyr. *O Que é Música Sertaneja*. São Paulo: Brasiliense, 1987; FILHO, Wolney Honório. *O Sertão nos Embalos da Música Rural (1930-1950)*. 1992.138f. Dissertação (Mestrado) – História, PUC/SP, São Paulo, 1992; MARTINS, José de Souza. *Música Sertaneja: a dissimulação na linguagem dos humilhados. Capitalismo e Tradicionalismo*. São Paulo: Pioneira, 1975; CARVALHO, Marta de Ulhôa. *Música sertaneja em Uberlândia na Década de 1990*. *ArtCultura*. Uberlândia: Edufu, nº 9, jul./dez. 2004; BERNADELI, Maria Madalena. *Breve histórico da Música Caipira*. *Do Leitura*. São Paulo, 10(117) fevereiro, 2000; CALDAS, Waldeynr. *Acorde na Aurora: música sertaneja e indústria Cultural*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979

<sup>6</sup> Sobre este período da História Cf: GOMES, Ângela de Castro. *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1991; TREVISAN, Maria José. *50 anos em 5... a Fiesp e o desenvolvimento*. Petrópolis, Vozes, 1986; ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1989. CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. *Consolidação, Reforma e Resistências: governo, empresário e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50*. 1998. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998; CARDOSO, Miriam Cimoneiro. *Ideologia do desenvolvimento Brasil: JK*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977; MARANHÃO, Ricardo. *O governo Juscelino Kubitschek*. São Paulo: Brasiliense, 1981; BENEVIDES, Maria Victoria de

investimentos na educação, saúde, construção de rodovias, alimentação e comunicação. O propósito do governo federal era ampliar a industrialização para a produção de bens de consumo duráveis, além de promoverem maior circulação do capital, de pessoas e de mercadorias.

Neste contexto, a região do Triângulo Mineiro, em especial Uberlândia, acabou por beneficiar-se dos investimentos públicos e privados na construção de rodovias que ligavam o Distrito Federal aos vários estados e principais portos brasileiros<sup>7</sup>. Nesse momento, percebe-se um aumento significativo das empresas multinacionais, nesta cidade redimensiona e reordenamento o seu espaço urbano.

Machado em seu artigo “Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia”, revela que essa expansão urbana, comercial, industrial e populacional ocorrida em Uberlândia nas décadas de 1950 a 1980, reafirma o ideário burguês. Ou seja, existe um movimento por parte das elites dominantes locais no intuito de exaltar a imagem de uma Uberlândia laboriosa, progressista, ordeira, composta por pessoas trabalhadoras escamoteando os conflitos sociais a sua exploração:

A imagem elaborada pelos discurso oficial tem, como pressupostos básico da história de Uberlândia, a ordem e o progresso construídas ao longo do tempo pelo “trabalho de sua gente”, deixando veladas todas as formas de exploração e as contradições sociais inerentes a qualquer sociedade burguesa. Assim, o progresso aparece forjado sob a imagem de uma sociedade ordeira, laboriosa e passiva – moralizada, de ponta a ponta, pelo ideário burguês. Este trabalho coletivo se define no vago conceito de povo que, laboriosamente, constrói o seu tempo histórico<sup>8</sup>.

Contudo, por mais que as elites uberlandenses evidenciassem a imagem de uma cidade imbuída pela ordem e o progresso, a sua modernização econômica acarretou aspectos negativos à sua população. Tal crescimento aumentou a concentração de terra, e ainda propiciou no campo o desgaste da economia de subsistência, agravou a desigualdade social, elevou a taxa de desemprego e gerou problemas nos diversos serviços sociais, como

---

Mespitas. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política*(1956-1961). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; RODRIGUES, Marly. *A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas*. São Paulo. Ed. Ática, 1992.

<sup>7</sup> Tal fato criou bases para que Uberlândia de cidade comercial, em 1965 inaugurasse o seu distrito industrial.

<sup>8</sup> MACHADO, Maria Clara Tomaz. Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia. *História & Perspectivas*. Uberlândia: EDUFU, nº4, jan/jun.1991, p. 47

abastecimento de água, e esgoto, instalação de energia elétrica, péssima educação, falta de serviços de saúde e dentre outros.

Todos esses problemas sociais se tornaram visíveis e palpáveis a partir dos anos de 1960 do século XX, por meio da constituição de favelas, aumento da mendicância e da violência.

Essa situação não era diferente no bairro Patrimônio, no qual residiam Pena Branca e Xavantinho. Quando imigrando do campo para a cidade, como um dos primeiros bairros permaneceu afastado centro de Uberlândia. Nos anos entre 1940 e 1960 era povoado por moradores em sua maioria negros, que viviam e trabalhavam em péssimas condições.

Lourenço, salienta que este bairro carecia de serviços de água, esgoto e asfalto nas referidas décadas. A maioria das casas eram pobres, deficientes de iluminação elétrica, poucas famílias tinham condições de manter seus filhos na escola, pois os mesmos precisavam trabalhar para ajuda no sustento da casa:

Nessa época, ou seja, no final dos anos 1940 e começo dos 1950, a arquitetura das casas do Patrimônio havia mudado. Não havia mais mocambos cobertos por folhas de coqueiro, como os do primeiro quartel do século. As casas, a maioria delas se achava coberta por telhas de barro comuns ou mesmo telhas francesas. Ainda havia casas de adobe, mas já existiam as de tijolos cozidos. É importante ressaltar que isso não denota uma melhoria das condições de vida da comunidade, mas sim uma mudança nos costumes, talvez forçadas pela escassez de material necessário à feitura das casas à maneira antiga.

Em plena década de 1950, a população do Patrimônio não dispunha de sistema de esgoto, o que só recentemente e em parte vieram obter. Utilizavam-se das “casinhas”, que eram pequenos cubículos de madeira construídos sobre fossas, com um assoalho, no meio do qual havia abertura onde se defecava e urinava.<sup>9</sup>

Nessa conjuntura, Pena Branca e Xavantinho cresceram convivendo com os diversos problemas sociais oriundos do progresso de Uberlândia. Estes artistas compunham uma família negra de sete filhos, e trabalharam em serviços braçais nas roças, serralherias, matadouros, dentre outros postos de trabalho assumidos nas décadas de 1950 e 1960.

---

<sup>9</sup> LOURENÇO, Luiz A . B. *Bairro Patrimônio: Salgadeiras e Moçambiqueiros*. Uberlândia/MG, Secretária Municipal de Cultura, 1986.

Mendonça<sup>10</sup>, amigo de infância da dupla e residente da mesma localidade, nos mostra as condições de vida e de trabalho naquela época em seu depoimento:

Todos nós aqui, o Patrimônio era um bairro praticamente zero da cidade né, um bairro muito pobre, pessoas humildes né, luta pela vida, pelo trabalho, lutando pelo suor e pra conquista o pão de cada dia, era um bairro até o início dos anos 1970 não tinha ainda rede esgoto, né não tinha asfalto, e tinha uma pequena escolinha lá e a no Patrimônio ao lado das casas populares onde aprendi meu primeiro BABA, foi ali, ao lado das casinhas populares e o Pena Branca e Xavantinho deve ter estudado nessa escola também, eu não posso afirmar agora, mas tava sempre ali com a gente, Pena Branca e Xavantinho o pessoal da Folia de Reis, e tem mais um outro artista cantora muito da voz famosa, do Patrimônio não sei o nome dela agora, vou ficar devendo este nome, mais cantava muito bem cantava na igreja e cantava também nos programas de calouros lá no nosso Patrimônio.

(...) A gente morava numa chácara perto do Matadouro Municipal foi criado ali entre a chácara do Matadouro e a chácara da colina, onde hoje é o Cajubá, o Clube Cajubá, naquela área ali, o Pena Branca morando no Patrimônio os pais deles muito amigos da minha família né, já tinha parentes, os pais deles tinham tocado no casamento da minha mãe e fomos criados juntos ali no Patrimônio e muitas vezes eu flagrava o Pena Branca e Xavantinho de madrugada às 6:30 hs, 7 hs da manhã indo lá pra trabalhar no serviço deles de chapa né, chapas de carregar caminhão, transporta no carregamento de arroz, né acho Arroz Vitória, na firma que eles trabalhavam, foi naquela e outras mais.<sup>11</sup>

Além das atividades braçais, a dupla desde criança dedicava-se à vida artística<sup>12</sup>, realizaram apresentações musicais nas estações de rádio de Uberlândia, cuja programação exibia valores regionais em auditórios, ao vivo. Desde o princípio, obteve aceitação popular. A audiência aumentava quando participavam dos programas. Um dos primeiros lugares em que a dupla se apresentou foi na Rádio Educadora (1952) no Programa do Capitão Hipopótamo. Ainda se apresentou, durante a década de 1950 e 1960, nas rádios Difusora (1939) e Cultura (1958), fazendo em praças públicas. Nesta época a dupla era conhecida pelos nomes Barcelo e Barcelinho, posteriormente adotaram o nome Xavante e Xavantinho e como o nome Xavante pertencia a outro artista, os irmãos foram obrigados a adotar o nome Pena Branca e Xavantinho.

---

<sup>10</sup> Valter Ferreira Mendonça, 62 anos, natural de Uberlândia. Amigo pessoal da dupla Pena Branca e Xavantinho e no decorrer da sua vida profissional administra a Loja de discos Discolândia, que nas décadas de 1970 e 1980 foi responsável por organização de eventos culturais na região do Triângulo Mineiro.

<sup>11</sup> Entrevista realizada no dia 21/08/07, com o Valter Ferreira Mendonça nas dependências da Discolândia na cidade de Uberlândia - MG

<sup>12</sup> Foi neste espaço rural que aprendeu a tocar viola e a cantar acompanhando as Folia de Reis em suas festas, Congado, desfile das Escolas de Samba no período carnavalesco.

Em sua tese de doutorado Dângelo ressalta que naquele período a cidade de Uberlândia abrigava as emissoras de rádio Difusora, Educadora e Cultura, que inicialmente foram criadas para educar a população nos princípios da ordem e promoção da disciplina, com vistas ao alcance de uma sociedade civilizada e homogênea<sup>13</sup>. Os programas veiculados consistiam na execução de músicas eruditas, crônicas, noticiários patrióticos com ênfase na história do país, cuja perspectiva era construir uma identidade única, diluidora de conflitos:

(...) A utilização de crianças e escolares na programação radiofônica, se por um lado buscava formar um público fiel, já habituado desde a infância à linguagem do rádio, por outro movia a inserção de valores patrióticos e cívicos, de amor às coisas locais, sobretudo de seus símbolos de poder, autoridades e instituições, o que de certo modo indicava, também a persistência de um público adulto refratário a estas mensagens. Os meios utilizados para atingir este segmento concentraram-se nas apropriações de imagens que vinculam um passado rural e bucólico ao espírito de modernidade vivenciado na cidade, em crônicas e discursos que preservavam o estilo metafórico e excessivamente pedante dos setores intelectuais letrados<sup>14</sup>.

Paradoxalmente, as emissoras de rádio, a par da função desempenhada, para manterem em evidência seus programas e artistas, assim como aumentar o faturamento e audiência, organizavam shows em espaços públicos, em que admitiam em sua programação práticas populares. Desta feita, revelavam-se não apenas os porta-vozes das classes dominantes, mas também nestes espaços as disputas e por elas a possibilidade de expressão dos sujeitos anônimos, conforme Dângelo:

(...) Mesmo a Educadora, a nova estação montada na rua Olegário Maciel, n.823, e posteriormente inaugurando “luxuosas instalações” na Avenida Afonso Pena, dividindo o espaço na sintonia do rádio e nos quarteirões do centro da cidade, se a princípio contou com alguns programas eruditos e crônicas, teve de render-se ao estilo popularizado da PRC 6. O popular “invadiu” seus auditórios, orientou seus programas sertanejos com cartas e recados de ouvintes, desfilou sob seu patrocínio nos carnavais de rua de

---

<sup>13</sup> Sobre a radiofonia no Brasil ver os importantes estudos de: Cf: DÂNGELO, Newton. *Vozes da Cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio Uberlândia – 1939/1970*. 2001. 319f. Tese (Doutorado em História) - PUC/ SP, São Paulo, 2001; GOLDFEDER, Miriam. *Por trás das ondas da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980; LENHARO, Alcir. *Cantores do Rádio*. Campinas: ed. Unicamp, 1995; MARTINS, Fábio. *Senhores ouvintes no ar .... A Cidade e o Rádio*. Belo Horizonte: Editora Arte, 1999.

<sup>14</sup> DÂNGELO, Newton. *Vozes da Cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio Uberlândia – 1939/1970*. 2001. 319f. Tese (Doutorado em História) - PUC/ SP, São Paulo, 2001. p.186

1958 e participou da “Cavallhada”, uma tradicional festa popular da região, levada ao ar pelos seus microfones<sup>15</sup>.

Para as emissoras de rádio desse período era interessante “contratar” cantores locais para seu *cast*, e ao popularizar esses personagens ela consolidava sua imagem junto a população local. Assim, com as apresentações desses cantores nos programas radiofônicos atraía-se mais ouvintes e comerciantes interessados em anunciar seus produtos nessas empresas de mídia. Assim a dupla caipira Pena Branca e Xavantinho aproveitou este intestiscia, logrando o seu reconhecimento pelo público e a popularizando suas canções. O mesmo autor afirma:

(...) O que chama atenção, mais uma vez, era a necessidade do envolvimento dos frequentadores de suas dependências, onde artistas amadores interagiam com a platéia das emissoras, assim como em experiências circenses, em pantomimas, em que os gestos e gracejos davam o tom de risos e aplausos. A visibilidade das reações, nesses casos, foram fundamentais para a preparação de programas que pudessem manter a atenção, a concentração de ouvintes, para que imaginassem estas mesmas cenas, incorporadas também na produção de radionovelas, as quais demandavam a ação decisiva dos sonoplastas.<sup>16</sup>

Devido ao sucesso de Pena Branca e Xavantinho, a imagem deles foi muito explorada pelas emissoras radiofônicas em que trabalharam. Ou seja, o investimento das Rádios, na dupla seja nos shows em praças públicas ou na sua programação diária revela a popularidade que alcançava na região e outros adjacentes. O próprio Pena Branca em depoimento ao Projeto Encantar, que lançará um documentário a respeito da vida e obra da dupla, relata sua carreira artística na década de 1960:

(...) Agora não vai ser mais Peroba e Jatobá, agora vai ser Barcelo e Barcelinho, e aí fiquei três anos na rádio Difusora, mais uns dois na rádio Educadora, mais um e meio na rádio Cultura, Olha! Era uma das duplas que andavam mais e tinha mais audiência e que recebia mais carta.<sup>17</sup>

A territorialidade cultural de Uberlândia abrigava outros espaços e formas de sociabilidades que nem sempre eram disponíveis as parcelas excluídas socialmente.

---

<sup>15</sup> Ibidem, p 208.

<sup>16</sup> DÂNGELO, Newton. *Vozes da Cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio Uberlândia – 1939/1970*. 2001. 319f. Tese (Doutorado em História) - PUC/ SP, São Paulo,2001, p.46.

Todavia vale a pena descrevê-las até para situar o lugar social que a dupla ocupava em seu torrão natal.

Constituíam o cenário cultural de Uberlândia, a partir dos anos 1950 casas de shows, bares, apresentações de teatro e circo, cassinos, cinemas, restaurantes, praças e emissoras de rádios. Como as demais cidades do interior do país nas décadas de 1950 e 1960, Uberlândia possuía uma razoável rede de bens de consumo que propiciavam práticas de sociabilidades nos padrões da época. O seu cotidiano era marcado pelas notícias e programas de suas três emissoras de rádio, pelos fins de semana com frequência delineados pelos passeios às praças onde se ouviam as retretas da banda de música, assistia-se ao culto religioso, às sessões de cinema, culminando com o footing em que se flertava e namorava. Ainda era comum a assiduidade masculina ao estádio Juca Ribeiro para prestigiar o Uberlândia Sport Clube. Oliveira na sua tese de mestrado **O último trago, a última estrofe** – Vivências boemias em Uberlândia nas décadas de 40,50 e 60, mostra um pouco deste cenário cultural uberlandense:

Essas noites, cuja cotidianidade era pautada em exposição, shows musicais, peças teatrais e em inúmeras possibilidades de a qualquer momento encontrar a “cara metade” no encontro das praças ou nos cinemas, bares e clubes, findava após a última sessão do cinema. Quando paulatinamente as pessoas, sozinhas ou em grupos, começavam a deixar esses espaços de lazer e diversão, dirigindo-se para as suas casas em busca do sono reparador que lhes garantiria energia suficiente para darem continuidade às suas vidas e aos seus respectivos trabalhos.<sup>18</sup>

Os cinemas, dentre eles o Cine Teatro Uberlândia, possuíam arquitetura moderna, poltronas luxuosas e confortáveis, amplas salas com cortinas de veludos, e apresentavam-se como espaços de sociabilidades para os seus freqüentadores reverem amigos e iniciarem namoros, com imponência que retratava o ideal já referido, de ordem e progresso. As próprias salas de exibição dos filmes refletiam a existência da divisão social. Enquanto as melhores poltronas situavam-se à frente e destinavam-se as pessoas com elevado poder aquisitivo, as do fundo eram destinadas a negros e brancos pobres. Conforme relata Pinto:

---

<sup>17</sup> Depoimento dado ao Projeto Encantar, que devido a falta de patrocinador não tem data marcada para seu lançamento.

<sup>18</sup> OLIVERIA, Júlio César de. *O último trago, a última estrofe* – Vivências boemias em Uberlândia nas décadas de 40,50 e 60.183f. 2000. Dissertação (Mestrado) - História. PUC / SP, São Paulo, 2000. p. 122

(...) O Cine Teatro Uberlândia, com sua ampla sala, de arquitetura moderna, com linhas sóbrias, cortinas de veludo automáticas atraía não só os uberlandenses, mas também pela beleza do *Palácio Encantado* além do envolvimento com os próprios filmes.

Para compreendermos um pouco do fascínio despertado pelos cinemas, temos que levar em conta outros aspectos. Além dos filmes, com seus enredos diversos, seus astros e estrelas, havia também as associações e representações feitas a partir de suas luxuosas salas, os cartazes, e – o flerte-, a atualização com as novas tendências da moda e o ver e ser visto. Sem contar as sessões especiais, tais como: *Sessões das Moças*, *Sessões dos Operários*, *os Vesperais Dançantes* e as solenidades que eram ali realizadas que acabavam por atrair as pessoas para uma sociabilidade continuam.<sup>19</sup>

Aos mais abonados os espaços de lazer se ampliavam para as visitas aos clubes sociais como o Praia Clube, o Uberlândia Clube, o Caça e Pesca Itororó Clube e o Uberlândia Tênis Clube – UTC – para bailes, shows, ou mesmo para a prática de esportes. Era também comum se sentar às mesas da Confeitaria da hora, no Bar Antártica ou do Bar da Mineira para saborear almoços, jantares e lanches. Para os homens se reservavam sobretudo os espaços de prostíbulos, casas de jogos de azar, que normalmente se escondiam-se nos referidos restaurantes e clubes sociais.

Clubes como o Uberlândia Clube e o Praia Clube eram estabelecimentos excludentes, à serviço do imaginário de grandiosidade local, onde se organizavam eventos culturais com a presença de artistas de renome nacional e internacional e que, apenas em caráter concessivo, admitiam cantores locais de grande apelo popular. A exemplo de Lotinho, sambista oriundo do Bairro Patrimônio que, por diversas vezes, ali se apresentou. Quase sempre estes shows eram mostrados pelos meios de comunicação locais como bem organizados, dirigidos por pessoas responsáveis, com o intuito de construir uma imagem de Uberlândia como referência não só em aspectos comerciais, mas também culturalmente.

Mesmo que Pena Branca e Xavantinho tenham obtido na região do Triângulo Mineiro relativo sucesso no que diz respeito ao carinho do público, prestígio nas emissoras de rádio é que trabalharam, número significativo de shows em praças públicas e correspondência de fãs, isto era pouco. Em 1968 vão para a cidade de São Paulo em busca de melhores condições de vida, pretendendo deslanchar na carreira artística. A escolha pela

cidade de São Paulo, além dele ser símbolo do progresso devido a sua importância em termos econômicos, políticos e culturais para o Brasil, era a “meca da música sertaneja”, onde qualquer dupla conseguia reconhecimento nacional se lá vencesse. Nesta metrópole vale ainda considerar que abriga em seu bojo os maiores órgãos midiáticos do país, grande mercado publicitário e fonográfico, gravadoras, casas de shows. Ingredientes que possibilitam ao artista que tivesse a oportunidade de tornar sucesso de público e venda.

Em São Paulo na década de 1970 a dupla<sup>20</sup> trabalhou em diversos serviços braçais, postos de gasolina, descarregavam mercadorias de diversas naturezas para grandes empresas, ajudavam em construções de imóveis e simultâneo a isso se apresentavam em concursos musicais organizados pelos órgãos de comunicação tendo grande expressividade, ganhando prêmios, aplauso do público e oportunidade de mostrar seu trabalho para todo o Brasil.

Em 1970 ganharam o quarto lugar em um festival da Rádio Cometa, e foram convidados a participar da gravação de um compacto com a música “Saudade” de autoria de Xavantinho. Em 1975, entraram para a orquestra “Coração de Viola”, em Guarulhos. Em 1980, se inscreveram-se no Festival MPB – Shell da Rede Globo.

A partir da década de 1980 quando Pena Branca e Xavantinho começaram a gravar e trabalhar nas grandes gravadoras brasileira, o sonho de tornar artistas de renome nacional e sucesso de venda começava a se realizar. Juntamente com isto, a indústria cultural criara algumas estratégias comerciais para vender a imagem da dupla caipira, buscar uma maior público consumidor e espaço nos diversos órgãos de imprensa.

Com apoio de Rolando Boldrin, por meio de apresentações no Programa *Som Brasil* da Rede Globo, da participação em caravanas organizadas pelo próprio Boldrin, que também foi diretor de gravação alguns álbuns de seus discos, a dupla deslanchou em sua carreira, estando a partir daí continuamente expostos à mídia. Este sucesso se vincula particularmente ao programa de música caipira de Boldrin que tinha uma grande audiência e atingia públicos de diversas idade e camadas sociais, além do que era apresentado por

---

<sup>19</sup> PINTO, Luziano Macedo. “Matinee”: o cotidiano em Uberlândia nos anos 40. *História & Perspectivas*, Uberlândia nº 14/15, jan/dez. 1996, p. 121.

<sup>20</sup> Sobre a trajetória da dupla cf: NEPOMUCENO, Rosa. *Música Caipira*. São Paulo: Editora 34, 1999; [www.jangada.com.br](http://www.jangada.com.br); [www.boamusicaricardinho.com.br](http://www.boamusicaricardinho.com.br); [www.kuarup.com.br](http://www.kuarup.com.br); [www.ivanvilela.com.br](http://www.ivanvilela.com.br); [www.robertocorreia.com.br](http://www.robertocorreia.com.br)

uma emissora de televisão que detem mais de cinquenta por cento da audiência e monopoliza o mercado publicitário em diversos setores. Nepomuceno ressalta sobre este apoio recebido pela mídia:

(...) O que essa dupla tinha de especial, Rolando Boldrin percebeu logo, quando apresentava o *Som Brasil*, na Globo, de 1981 a 1984. Convidando-a, para abrir um dos programas, com o “Cio da Terra”, colocou-a, em grande estilo, no mercado sertanejo. “O Boldrin mostrou a cara da gente para todo o Brasil e as coisas começaram a crescer”, reconhecem. Este padrinho nunca os deixou no sereno, principalmente quando ficaram sem gravar, de 1982 a 1987. Onde ia com seus shows, produzidos, escritos e apresentados por ele, carregava Pena Branca e Xavantinho<sup>21</sup>.

Com o apoio de nomes expressivos da MPB, entre eles, Milton Nascimento, Chico Buarque, Fagner, Tavinho Moura e de representantes do cancionero da música sertaneja raiz como Renato Teixeira e Almir Sater, que reconheceram na dupla não só qualidades vocais, mas, principalmente que cantam a autenticidade de uma memória rural já esquecida, Pena Branca e Xavantinho se afirmam também no cenário musical cult. Nepomuceno salienta quanto a parceria com outros artistas ajudou no sucesso da carreira da dupla:

No final desse período, foram convidados para fazer o LP *Cio da Terra*, com as participações de Milton Nascimento, Tavinho Moura e Marcus Viana. Com a maior vendagem de sua carreira, em torno de 300 mil, o disco projetou-se e aproximou-se, definitivamente, de uma vertente da música popular brasileira, num trabalho iniciado pela produtora Leo Stingen e no encontro com Milton, em 1982. Com ele cantaram juntos, pela primeira vez no *Som Brasil*, e a partir daí selaram uma amizade que os levaria na ovas apresentações, como no programa da Globo *Chico & Caetano* e no Teatro Municipal do Rio, quando Milton foi homenageado na festa do Prêmio Sharp, em 1995. A amizade com Renato Teixeira também foi muito importante para afirma a personalidade da dupla, que como nenhuma outra da atualidade se manteve fiel ao seu estilo inicial.<sup>22</sup>

Esse laço estreito com a MPB, tanto parcerias com interpretações desse gênero musical, foi uma estratégia bem sucedida da indústria cultural que possibilitou que a dupla Pena Branca e Xavantinho fossem conhecidos, tornando-os nome das mais populares no Brasil, e inclusive atingindo outros públicos, como por exemplo à classe média. A

---

<sup>21</sup> NEPOMUCENO, Rosa. Pena Branca e Xavantinho: Vozes em terças namoram a MPB. In: *Música Caipira*. São Paulo: 34, 1999, p.384.

repercussão disto ocorreu no LP *Cio da Terra*, com a participação especial do cantor Milton Nascimento, que rendeu à dupla a vendagem de milhares de cópias. Presume-se que foi por representarem uma “autenticidade de um gênero musical” que artistas da MPB cederam suas composições para que Pena Branca e Xavantinho pudessem mostrá-las a seu público. Por meio de suas interpretações, vislumbra-se a brasilidade do país:

Debrulhar o trigo/Recolher cada bago do trigo/Forja no trigo o milagre do pão/E se faltar de pão/ Decepar a cana/Recolher a garapa da cana/Roubar da cana a doçura do mel/Se lambuzar de mel./ Afagar a terra/Conhecer os desejos da terra/Cio da terra/Propícia estação/E fecundar o chão<sup>23</sup>.

Pena Branca e Xavantinho gravaram canções de expressividade nacional, dentre elas “Planeta água” de Guilherme Arantes, “Ciúmes” de Caetano Veloso, “Cio da Terra” de Milton Nascimento e Chico Buarque.

Não era qualquer canção da MPB que essa dupla caipira anexava nos seus discos e escolhiam para cantar em suas apresentações musicais. A maioria das canções falavam da exuberância do campo, fazia alusão a aspectos da natureza e costumes da vida bucólica.

A saudade da comida feita no fogão de lenha, os bate-papo com os amigos, pescarias, festas, a vida calma e perto da natureza, enfim a nostalgia da vida no campo é uma das características do sucesso da dupla Pena Branca e Xavantinho, inclusive muito explorada pela indústria cultural.

Aproveitando esta temática com relação as músicas da MPB e do campo, as gravadoras lançaram Xavantinho, além de cantor, como compositor aproveitando, lógico o sucesso e as parcerias com artistas nacionais. Desde 1960 Xavantinho compõe músicas que retratam, de uma forma especial, seu lugar de origem. Tais canções referem-se com saudosismo e nostalgia a um tempo passado. Por exemplo, a vida no campo, local em meio às dificuldades, mas em que acreditam ser felizes e vivem próximos à natureza. Entre elas, “Rancho triste”, “Queimadas”, “Casa de barro”. Estas e tantas outras canções revelam o sentimento de perda das relações vividas no campo, cujos investimentos no setor

---

<sup>22</sup> NEPOMUCENO, Rosa. Pena Branca e Xavantinho: Vozes em terças namoram a MPB. In: *Música Caipira*. São Paulo: Editora: 34, 1999, p.385.

<sup>23</sup> *Cio da Terra* (Milton Nascimento e Chico Buarque), Pena Branca e Xavantinho e Milton Nascimento. *Cio da Terra*. Disco Sonoro, Continental, 1987.

agroindustrial, são aprovados como causa da degeneração das condições de vida dos trabalhadores:

(...) Meu lugar é um recanto de beleza/ A natureza que me deu como presente/ fiquei meu rancho lá na beira do caminho/ junto a um corguinho de água limpinha e corrente/ tirei o mato e acariciei a terra, / boa semente eu plantei naquele chão/ e fiz pedido a minha Santa Padroeira, / Pra não deixar faltar a chuva no sertão./ O tempo passa e a luta não termina./ A chuva fina continua com seu véu/ Igual a eu ,outro roceiro agradece/ Deus nas alturas, e os milagres do céu.<sup>24</sup>

A letra acima, composta por Xavantinho, recorda o tempo de fartura a época das colheitas que, com o progresso, se foi. Recorda ainda as relações sociais com a família e amigos. Descreve a natureza como algo apreciativo e local de onde se retira a subsistência. Logo, a terra de origem era uma região que continha terras férteis para plantio, chuvas abundantes e que não pode mais voltar devido às transformações capitalistas no campo. Outra música cantada pela dupla, de autoria de Adalton Santos, expressa tais sentimentos é o “Triste Berrante”.

(...) Mas sempre foi assim, sempre será  
O novo vem e o velho tem que parar  
O progresso cobriu a poeira da estrada  
E esse tudo que é o meu nada  
Hoje tenho que acatar e chorar  
Meus olho estão enxergando  
Uma boiada passar .<sup>25</sup>

Quando alude ao campo, Xavantinho explicita nas suas composições o orgulho de ser membro do mundo rural e, ao cantar, contam às práticas culturais e as relações construídas naquela época, que não mais voltarão. Para alguns estudiosos da temática sertaneja tais versos revelam o desenraizamento cultural a que grandes parcelas de migrantes sofreram. Ao criticar a vida que tais segmentos sociais foram submetidos nas cidades, por contraposição, exaltam nostalgicamente a vida bucólica, lembrando hábitos e costumes passados, que se perderam com a modernização do país:

---

<sup>24</sup> *Oração do camponês* (Xavantinho), Pena Branca e Xavantinho. *Pena Branca canta Xavantinho*. Disco Sonoro, Kuarup, 2002.

<sup>25</sup> *Triste Berrante* (Adalton Santos), Pena Branca e Xavantinho. *Violas e Canções*. Disco Sonoro, Velas, 1993.

Desdobrando os ensinamentos de Weil, Ecléa Bosi propõe que a cultura dos migrantes seja vista pela perspectiva de desenraizamento, mas isto não significa *buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas buscar o que pode renascer nesta terra de erosão*. E neste sentido que a música sertaneja não deve ser entendida como componente da alienação das camadas populares. Se o campo era cheio de dificuldades, a cidade não é menos penosa, pois a grande maioria da população de migrantes vive à margem dos benefícios trazidos pelo progresso. *Buscar o que se pode nascer neste terra de erosão*, é, neste caso, entender o culto a memória de um artista e as suas canções como denúncia de um incessante repressão e exclusão. É não só pensar sobre a maneira que o mercado fonográfico atinge o seu “público alvo”, mas inverter o olhar e inquirir sobre como o público chegou à música, porque a consome. Cantar e recantar músicas que falam de experiência de vida é uma forma, mesmo que inconsciente, de resistir a destruição de sua identidade. Tudo isso, reutilizando bens culturais que não são próprios, pois são disseminados por uma indústria especializada em obter lucro, é verdade, mas que não impede o reemprego.<sup>26</sup>

A dupla possui gravações com músicas folclóricas de expressão regional e nacional (com novas roupagens musicais) que fizeram muito sucesso nos anos 1920 e 1930 e perduram até os dias de hoje. Recuperam composições de grandes artistas daquela época, como por exemplo Mário de Andrade e Catulo da Paixão Cearense. Dentre elas “Uirapuru”, “Luar do Sertão”.

(...) Oh! Que saudade do luar da minha terra/ Lá na serra branquejando/  
Folhas secas pelo chão ! / Este luar cá da cidade / Tão escuro não tem  
aquela saudade / Do luar do meu sertão.<sup>27</sup>

A dupla ainda gravou clássicos da música sertaneja caipira que praticamente a maioria das duplas desses gêneros possuem no seu repertório. Mas os escolhidos sempre mantendo a relação com a vida campal, fazer alusão à elementos da natureza, faz sempre menção a vida cotidiana do caipira, especialmente no que diz a respeito das relações amorosas e de trabalho e outras áreas de sua vida:

Lá vai uma chalana/ Bem longe se vai/ Navegando no remanso/ Do rio  
Paraguai/OH! Chalana sem querer/ Tu aumentas minha dor/ Nessas águas  
tão serenas/ Vai levando o meu amor / E assim ela se foi/ Nem de mim se  
despediu/ Oh! Chalana vai sumindo / Na curva lá do rio/ E se ela vai

---

<sup>26</sup> MACHADO, Maria Clara Tomaz; BRITO, Diogo de Souza. O guardador de saudade: Góia e a poética sertaneja do interior das Gerais. In: COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (org.) *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: Edufu, 2006, p 217

<sup>27</sup> *Luar do Sertão* (Catulo da Paixão Cearense), Pena Branca e Xavantinho. Disco Sonoro, Velas, 1995.

magoadas/ Eu bem sei que tem razão/ Fui ingrato eu feri/ O seu meigo coração.<sup>28</sup>

A carreira de Pena Branca e Xavantinho caiu nas graças das diversas camadas sociais do país, são tidos como interlocutores de um gênero que se situa entre o folclore e o mundo rural, idealizado e nostalgicamente poetizado em seus versos e de outros grandes nomes. São consagrados como produtora de músicas de alta qualidade sonora e de conteúdo qualitativo em suas canções. Assim fixam sua imagem “humilde” ao lado de monstros sagrados da MPB como Fagner, Caetano Veloso, Djavan, dentre tantos outros. Tal é a importância dessa dupla que Ulhôa afirma:

(...) A história da música sertaneja pode ser dividida em três fases. De 1929 até 1944, como música caipira ou música sertaneja Raíz; pós-guerra até os anos 60, numa fase de transição; e no final dos anos 60 até a atualidade, como música sertaneja romântica. Essa divisão aponta para o aparecimento dos estilos, mas não para sua extinção. Ainda se compõem canções em todos os estilos, e mesmo duplas que cantam música de temática moderna ( como por exemplo, Chitaozinho e Xororó), mantêm no seu repertório canções no estilo tradicional. Na música sertaneja raíz os cantadores interpretam principalmente moda-de-violão e toadas. Artistas representativos desta tendência, mesmo que gravando em época posterior, são Cornélio Pires, Tônico e Tinoco e Pena Branca e Xavantinho<sup>29</sup>.

O final do século XX trouxe grande revés para a dupla, morreu Xavantinho,<sup>30</sup> e Pena Branca, sozinho, volta para Uberlândia, com graves problemas financeiros causados por disputas familiares e empresárias. Retoma sua jornada apoiado por novos músicos tal como Tarcísio e sua Orquestra<sup>1</sup> de Violeiros do Cerrado, Renato Teixeira, Inezita Barroso e com tantos outros têm dado consistência na (re)construção de sua carreira solo. Músicos amigos participaram de seus lucros, de seus shows e de seus novos discos, têm comparecido a programas de tv e rádio divulgando seu trabalho. Recomeçar num mercado tão competitivo não tem sido fácil.

---

<sup>28</sup> Chalana. (Mario Zan e Arlindo Pinto), Pena Branca e Xavantinho. Disco Sonoro. Kuarup, 1992.

<sup>29</sup> CARVALHO, Marta de Ulhôa. Música sertaneja em Uberlândia na Década de 1990. *ArtCultura*. Uberlândia: Edufu, nº 9, jul./dez. 2004, p 60.

<sup>30</sup> Xavantinho morreu no dia 8 de outubro de 1999 no Hospital Nipo-Brasileiro, em São Paulo de complicações respiratórias.

Portanto, a vida e obra da dupla caipira Pena Branca e Xavantinho é um exemplo de sujeitos que migram para os centros urbanos em busca de oportunidades para ascensão social, deparam-se com outras dificuldades oriundas do processo de modernização do Brasil e poucos conseguem o tão desejado sonho de melhoras na qualidade de vida.

---

## Referências

ACCARINI, José H. *Economia Rural e Desenvolvimento: Reflexões sobre o caso brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1987.

ALVES, Luciano Carneiro. Palanque de papel: o Correio de Uberlândia e a construção do “Estádio Municipal Parque do Sabiá”. *História e Perspectiva*. Uberlândia: EDUFU, n°24, jan./jun., 2001.

ALVARENGA, Nizia Maria. Movimento Popular, democracia participativa e poder político local: Uberlândia 1983/1988. *História e Perspectiva*. Uberlândia: Gráfica UFU, n° 4, jan./jun. 1991.

BASTISTA, Sheille Soares de Freitas. *Buscando a cidade e construindo viveres: relação entre campo e cidade*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mespitas. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política(1956-1961)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

BERNADELI, Maria Madalena. Breve histórico da Música Caipira. *Do Leitura*. São Paulo, 10(117) fevereiro, 2000.

BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, Ecléa. *Cultura e Desenraizamento*. In: BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 2003.

BRITO, Diogo de Souza. *Retratos do sertão: representações e identidades na canção sertaneja de Góia/1950-1982*. 2006. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

CALDAS, Waldenyr. *O Que é Música Sertaneja*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CALDAS, Waldeynr. *Acorde na Aurora: música sertaneja e indústria Cultural*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

---

CARDOSO, Miriam Cimoneiro. *Ideologia do desenvolvimento Brasil: JK*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977;

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. *Consolidação, Reforma e Resistências: governo, empresário e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50*. 1998. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998;.

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. O discurso sobre o desenvolvimentismo: a construção dos sonhos. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*. Uberlândia: Edefu, nº 27, ano 13, 2000.

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. O discurso sobre o desenvolvimentismo: a construção dos sonhos. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*. Uberlândia: Edefu, nº 27 ano 13, 2º sem. de 2000.

CARMO, Luiz Carlos. *Sinuosas Vivências: Famílias Negras em Uberlândia (1945-1960). História e Perspectiva*. Uberlândia: Edefu, nº 24, jan./jun. 2001.

CARVALHO, Marta de Ulhôa. *Música sertaneja em Uberlândia na Década de 1990*. *ArtCultura*. Uberlândia: Edefu, nº 9, jul./dez. 2004

CASTRO, DORIAN ERICH. *Relicário das práticas mágicas no interior das Minas Gerais: transformações e persistências (Uberabinha/MG. 1963-1945)* 2004. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

CHARTIER, Roger. *Formas e sentido cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas, SP: Mercado das letras, 2003.

COELHO, Teixeira. *O Que é Indústria Cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DAMASCENO, Fernando Sérgio. *Condições de vida e participação política de trabalhadores em Uberlândia nos anos 1950/60*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

DÂNGELO, Newton. *Vozes da Cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio Uberlândia – 1939/1970*. 2001. 319f. Tese (Doutorado em História) - PUC/ SP, São Paulo, 2001.

DANTAS, Sandra Mara *Entre o real e o ideal: a cidade que se tem e a cidade que se quer Uberlândia (1900-1950)*. *História e Perspectiva*. Uberlândia: Edefu, nº 25 e 26, jul./Dez. 2001 / Já./jul. 2002.

FILHO, Wolney Honório. *O Sertão nos Embalos da Música Rural (1930-1950)*. 1992. 138f. Dissertação (Mestrado) – História, PUC/SP, São Paulo, 1992.

---

GOLDFEDER, Miriam. *Por trás das ondas da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GONÇALVES NETO, Wenceslau . *Estado e Agricultura no Brasil: política agrícola e modernização econômica Brasileira (1960-1980)*. São Paulo: Hucitec, 1997.

GOMES, Ângela de Castro. *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1991;

JUNIOR, Renato Jales. *Cidade e Cultura: memórias e narrativas de viveres urbanos no Bairro Bom Jesus.Uberlândia-MG, 1960-2000*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

LENHARO, Alcir.*Cantores do Rádio*. Campinas: Unicamp, 1995.

LOURENÇO, Luiz A. B. *Bairro Patrimônio: Salgadeiros e Moçambiqueiros*. Uberlândia/MG, Secretaria Municipal de Cultura, 1986.

MARIGHELLA, Carlos e outros. *A Questão Agrária no Brasil: textos dos anos Sessenta*. São Paulo, Brasil Debates, 1980.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura Popular e Desenvolvimentismo em MG: Caminhos Cruzados De Um Tempo*. 290f. 1998.Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura Popular: em busca de um referencial conceitual. Cadernos de História*. Uberlândia: Edufu, n.5, jan/dez, 1994.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. UFU: a dinâmica de uma história. In: GOMES, Aguinaldo Rodrigues;WARPECHOWSKI, Eduardo Moraes; NETTO, Miguel Rodrigues de Souza.(org.) *Fragmentos, imagens Memórias: 25 anos de federalização da Universidade Federal de Uberlândia*. Uberlândia: Edufu, 2003.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Raízes fundantes da cultura popular no sertão das gerais. *Revista ArtCultura*. Uberlândia: Edufu, nº4, 2002.

MACHADO, Maria Clara Tomaz; BRITO, Diogo de Souza. O guardador de saudade: Góia e a poética sertaneja do interior das Gerais. In: COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (org.) *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: Edufu, 2006.

MACHADO, Maria Clara Tomaz; LOPEZ, Valéria Maria Queiroz Cavalcanti.Uberlândia: suas representações num entrecruzar de caminhos. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, Uberlândia: EDUFU, nº 28 e 29, ano 14, 2001.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Muito aquém do paraíso: ordem,progresso e disciplina em Uberlândia. *História e Perspectiva*. Uberlândia: EDUFU, nº4, jan/jun.1991.

---

MARTINS, Fábio. *Senhores ouvintes no ar .... A Cidade e o Rádio*. Belo Horizonte: Editora Arte, 1999.

MARTINS, José de Souza. *Música Sertaneja: a dissimulação na linguagem dos humilhados. Capitalismo e Tradicionalismo*. São Paulo: Pioneira, 1975.

MEDEIROS, Euclides Antunes de. *Trabalhadores e viveres: trajetórias e disputas na conformação da cidade Uberlândia- 1970/2001*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

MIRANDA, Luciana Lilian. “*Adeus ao Jeca Tatu*”: proprietários rurais em Uberlândia, MG, Vivenciando a política agrícola modernizadora, 1960-1985. 2003. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

MORAIS, Sérgio Paulo. *Trabalho e Cidade: Trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia 1970/2000*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002;

NEPOMUCENO, Rosa. *Música Caipira*. São Paulo: Editora 34, 1999.

OLIVERIA, Eliane Dias de. *Cultura urbana e protesto social: o quebra-quebra de 1959 em Uberlândia-MG*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

OLIVERIA, Júlio César de. *O último trago, a última estrofe – Vivências boemias em Uberlândia nas décadas de 40,50 e 60*. 183f. 2000. Dissertação (Mestrado) - História. PUC / SP, São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, Rejane dos Reis. Brasília – Capital da esperança. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*. Uberlândia: Edufu, nº 28/29, ano 14, 2001

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PACHECO, Fábio Piva. *Mídia e Poder: representações simbólicas do autoritarismo na política – Uberlândia 160/1990*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

PACHECO, Fábio Piva. *Mídia e Poder: representações e símbolos do autoritarismo na política em Uberlândia (1960-1990)* *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*. Uberlândia: EDUFU, nº 30 – Ano 15.

PESSAVENTO, S. J. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

---

PETUBA, Rosângela Maria Silva. *Pelo direito à Cidade: Experiências e luta dos ocupantes de terra do Bairro Dom Almir – Uberlândia (1990-2000)*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

PINTO, Luziano Macedo. “Matinee”: o cotidiano em Uberlândia nos anos 40. *História e Perspectiva*, Uberlândia nº 14/15, jan/dez. 1996.

REIS, Maucia Vieira dos. *Entre viver e morar: experiências dos moradores de conjuntos habitacionais: Uberlândia – anos 1980/90*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

RIBEIRO, Raphael Alberto. *Almas enclausuradas: práticas de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932-1970)*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

RODRIGUES, Marly. *A década de 50. Populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1992.

ROSA, Ivani. O preço do progresso uma reflexão em torno do modo de vida do uberlandense frente a política desenvolvimentista. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*. Uberlândia: EDUFU, nº 28 e 19, ano 14, 2001.

SAMPAIO, Roberto C. *Migrações no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*. 1990. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte, UFMG, 1990.

SANCHES JÚNIOR, Nelson Martins. Ponteio na cidade: música caipira e identidade social. *Pós-História: Revista de Pós-graduação em História*. Assis: v.6, Universidade Estadual Paulista, 1998.

SANTOS, Carlos Meneses Souza; CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. Uberlândia nas Linhas do Enfrentamento: a democracia participativa nas páginas da imprensa. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*. Uberlândia: EDUFU, nº 33 – Especial de 2005.

SCHWARZ, Roberto. Fim de século. *Folha de São Paulo*. Caderno Mais. São Paulo. p. 6-9, 4 dez. 1994.

SILVA, Idari Alves da. *Construindo a Cidadania: Uma análise introdutória sobre o direito à diferença*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

SOARES, Beatriz R. *Uberlândia: da Cidade jardim ao Portal do Cerrado – Imagens e Representações no Triângulo Mineiro*. São Paulo, Tese (Doutorado), FFLCH/USP, 1995.

---

SOAREZ, Bruno. *Admirável mundo novo do trabalho? Vivências de alunos-trabalhadores do SENAI / CETAL- FAM em Uberlândia/MG*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

TRAVAGLIA, Luís Carlos. Quando amor rima com dor: o discurso das músicas sertanejas. *Letras e Letras*. Uberlândia: Gráfica da UFU, 3 (2), dez. 1987.

TREVISAN, Maria José. *50 anos em 5... a Fiesp e o desenvolvimento*. Petrópolis, Vozes, 1986;

### **Artigos de Jornais**

CONCERTO da Orquestra Sinfônica no II Festival de Música do Século XX. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, p.6, 26 abr. 1986.